

CAPITULO XXVI.

E DISSE Agrippa a Paulo: permite-se-te falar por ti mesmo. Paulo então estendendo a mão, assim em sua defeza respondeu:

2 Por venturoso me tenho, ó Rei Agrippa, de que perante ti me haja hoje de defender de todas as cousas, de que dos Judeos sou accusado.

3 Mórmente sabendo eu, que tens noticia de todos os costumes, e questões que entre os Judeos ha: pelo que te rogo que me ouças com paciencia.

4 Minha vida pois, até desde a mocidade; qual desde o principio entre os de minha nação em Jerusalem ha: ja sido, todos os Judeos o sabem:

5 Como aquelles que ja de muito antes me conhecêrão (se he que testificar o querem), que conforme á mais perfeita seita de nossa Religião, sempre vivi Phariseo:

6 E agora pela esperanza da promessa, que de Deos aos Pais foi feita, aqui estou, e julgado sou.

7 A' qual nossas doze Tribus, servindo continuamente de dia e de noite a Deos, espêráo chegar: pela qual esperanza, ó Rei Agrippa, sou eu dos Judeos accusado.

8 Que? julga-se por cousa incrível entre vósoutros, que Deos aos mortos rescute?

9 Bem tinha eu imaginado, que contra o nome de Jesus Nazareno devia eu usar muitas contrariedades.

10 O que tambem fiz em Jerusalem; e havendo recebido poder dos Principes dos Sacerdotes, a muitos dos Santos encerrei em prisoes: e quando os matavão, tambem eu dava meu voto.

11 E castigando-os muitas vezes por todas as Synagogas, os forcei a blasfemar. E enfurecido demasiadamente contra elles, até nas cidades estranhas os persegui.

12 Ao que indo ainda a Damasco, com poder e commissão dos Principes dos Sacerdotes:

13 Ao meio dia, vi no caminho, ó Rei, huma luz do ceo, que ao resplandor do sol excedia, e a mim, e aos

que comigo são, com sua claridade rodeou.

14 E cahindo nós todos em terra, ouvi huma voz que me falava, e em lingua Hebraica dizia: Saulo, Saulo, porque me persegues? Dura cousa te he dar couces contra os aguilhoens.

15 E disse eu: Quem es, Senhor? e elle disse: Eu sou Jesus, a quem tu persegues.

16 Mas levanta-te, e poem-te sobre teus pés, porque para isto te appareci, para te pôr por ministro e testemunha, assim das cousas que ja tens visto, como das em que ainda te hei de apparecer:

17 Livrando-te deste povo, e das Gentes, a quem agora te envio.

18 Para lhes abrires os olhos, e das escuridades os convertêres á luz, e do poder de Satanás a Deos: para que recebão remissão dos peccados, e sorte entre os santificados pela fé em mim.

19 Pelo que, ó Rei Agrippa, não fui desobediente á visão celestial.

20 Antes primeiramente aos que em Damasco, e em Jerusalem, e por toda a terra de Judea estão, e ás Gentes denunciei, que se emendassem, e se convertessem a Deos, fazendo obras dignas de arrependimento.

21 Por causa disto pegáráo de mim os Judeos no Templo, e me procuráráo matar.

22 Porém alcançando socorro de Deos, ainda até o dia de hoje permaneço, testificando, assim a pequenos, como a grandes; não dizendo nada mais do que os Prophetas e Moyses disserão, que havia de acontecer.

23 *Convem a saber,* que o Christo devia padecer, e sendo o primeiro da resurreição dos mortos, havia de denunciar a luz a este povo, e ás Gentes.

24 E dizendo elle isto em sua defeza, disse Festo em alta voz: Deliras, Paulo, as muitas letras te fazem delirar.

25 Porém elle: não deliro, disse, ó potentissimo Festo; porém falo palavras de verdade, e de hum são juizo.

26 Porque el-Rei, a quem usando de ousadia falo, sabe mais bem destas cou-

mas; pois não oreio que nada disto se lhe occulte: que não se fez isto em algum canto.

27 Crês tu, ó Rei Agrippa, nos Prophetas? Bem sei que crês.

28 E disse Agrippa a Paulo: por pouco me persuadirás a que me faça Christão.

29 E disse Paulo: Prouvéra a Deos, que ou por pouco, ou por muito, não somente tu, porém também todos quantos hoje me estão ouvindo, taes vos tornareis qual eu sou, excepto estas cadeias.

30 E dizendo elle isto, levantou-se el-Rei, e o Presidente, e Bernice, e os que com elles estavam assentados.

31 E apartando-se a huma banda, fallavão huns com os outros, dizendo: este homem nada faz digno de morte ou de prizoens.

32 E disse Agrippa a Festo: Bem se podia este homem soltar, se a Cesar não houvera appellado.

CAPITULO XXVII.

E COMO se determinou que haviamos de navegar para Italia, entregáram a Paulo, e a alguns outros prezos, a hum Centurião, por nome Julio, do esquadrão Imperial.

2 E embarcando-nos em hum navio Adramytino, havendo de navegar por junto aos lugares da Asia, partimos, estando juntamente connosco Aristarco, o Macedonio de Thessalonica.

3 E o dia seguinte chegámos a Sidon; e Julio tratando humanamente a Paulo, permittio-lhe que fosse aos amigos, para delle terem cuidado.

4 E partindo dali, fomos navegando abaixo de Cypro, porquanto os ventos erão contrarios.

5 E havendo passado o mar do longo de Cilicia e Pamphylia, viemos a Myra em Lycia.

6 E achando o Centurião ali hum navio Alexandrino, que navegava para Italia, nos fez nelle embarcar.

7 E indo ja por muitos dias vagorosamente navegando, e havendo apenas em frente de Cnido chegado, não no-lo permittindo o vento, navegamos

abaixo de Creta, em frente de Salmone.

8 E apenas costeando-a, chegamos a hum certo lugar, chamado os bons portos, perto do qual estava a cidade de Lasea.

9 E passado muito tempo, e sendo a navegação ja perigosa, por quanto também ja passado era o jejum, Paulo os amonestava.

10 Dizendo-lhes: Varoens, bem vejo que com incommodo, e muito damno, não só da carga, e do navio, porém também de nossas vidas, haverá de ser a navegação.

11 Porém o Centurião cria mais ao Piloto e ao Mestre, do que ao que Paulo dizia.

12 E não sendo aquelle porto acomodado para invernar, forão os mais de parecer, de ainda dali passar, a ver se chegar podessem a Phenix, a invernarem ali, que he hum porto de Creta, que attenta para a banda do vento Africo, e do Choro.

13 E ventando ja brandamente o sul, pareceo-lhes que ja tinham o que intentavão, e dando á vela, forão de bem perto costeando á Creta.

14 Porém não muito depois deo nella hum pé de vento, chamado Euroclydon.

15 E sendo o navio delle arrebatado, e não podendo navegar contra o vento, dando de mão a tudo, nos deixámos ir á tóa.

16 E correndo abaixo de huma pequena ilha, chamada Clauda, apenas pudemos ganhar o batel.

17 O qual tomado a riba, usáram de todos os remedios, cingindo o navio, e temendo darem á costa em Syrie, amainadas as velas, se deixáram assim ir á tóa.

18 E andando ja vehementemente balanceados de huma tempestade, o dia seguinte ali viáram o navio.

19 E ao terceiro dia, nós mesmos com nossas proprias mãos lançámos do navio a armação.

20 E não apparecendo ainda sol nem estrellas ja muitos dias havia, e opprimindo-nos huma tempestade não pequena, ja toda a esperança de ser salvos se nos tirou.